

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospicio 35

Preço da assignatura por mez

Para a Corte 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

VII

O QUARTO DE MARGARIDA

(Continuação.)

Os dous unicos compartimentos que tivem os occasião de descrever até agora,— a bibliotheca e o quarto do Sr. de Vezay,— eram, como sabemos, de um estylo grandioso e severo.

O aposento particular da condessa Margarida, — no qual vamos introduzir os leitores, — offerecia um aspecto de todo diferente.

O Sr. de Vezay, na epocha de seu casamento,— isto é, cerca de quatro annos antes daquella em que se passavam os factos que estamos historiando,— tinha reunido com amor, nos tres compartimentos que compunham o aposento privado de sua mulher, todas as elegancias da moda e todos os refinamentos do luxo.

Notem que isto se passava em 1816 ou 1817, e que a ornamentação e mobilhamento de que se trata offereciam o *nec plus ultra* do bom gosto e da commodidade naquelle epocha.

O quarto de dormir era todo forrado de sêda azul clara, constellada de estrellazinhas de prata.

Uma grega, tambem de prata sobre fundo azul, emoldurava o fôrro das paredes, destinado a fazer realçar a tez alva de Margarida e os seus magnificos cabellos louros.

Os moveis, de larangeira com filetes de ebano — da mais correcta forma academica,— eram cobertos com um estofo igual ao das paredes.

Um cysne prateado. — de azas abertas, — sustentava no bico uma argola, donde se escapavam as ondas

vaporosas dos cortinados de musselina das Indias, bordados á sêda, que cahiam em torno do leito em dia-phanas dobras.

Triplice corrente de prata dourada suspendia no tecto uma larga e funda taça de alabastro, de fórmula romana.

Uma lamparina collocada nessa taça projectava de noite a sua claridade suave e velada, muito fraca para afastar o somno, sufficiente para dissipar as trevas.

Na chaminé via-se uma pendula formada de um precioso bronze antigo, encontrado nas escavações de Herculanium e collocado sobre uma peanha de marmore branco.

Esse bronze representava uma *nymphæ* juntando em um ramalhete as flores que acabava de colher.

O tapete, sahido das fabricas de Aubusson, e de desenhos mythologicos, espesso e macio de calcar como o pêllo de um cordeiro.

Foi nesse quarto elegante e faceiro que se precipitou o conde, levando nos braços sua esposa sem sentidos.

Foi naquelle leito, cercado de nuvens de musselina, que elle depôz aquelle corpo do qual a vida acabava de retirar-se talvez.

Com certeza, naquelle momento, tinha-se-lhe varrido da mente toda e qualquer idéa de vingança.

Poderíamos quasi dizer que já não existia nelle o ressentimento da injuria recebida.

Em seu coração não havia logar senão para o remorso do perdão negado, para o horror do sangue que derramára, para o desespero da nova catastrophæ, — catastrophe imminente, se não já realizada.

Margarida, que continuava sem sentidos, estava gelada.

O Sr. de Vezay amontoou sobre ella as roupas que estavam espalhadas no quarto, por cima dos moveis.

Depois ajoelhou-se ao lado do leito, e a sua mão tremula apoiou-se no lado esquerdo do peito de sua mulher.

Procurava as pulsações do coração.

Encontrou-as, mas tão debeis, tão intermitentes, que, de segundo em segundo, podia acreditar que elles iam extinguir-se.

Com tudo, a scintelha da vida existia ainda.

Era muito.

O Sr. de Vezay correu ao gabinete de vestir.

Apanhou varias aguas de cheiro, varios frascos de saes e de perfumes dos mais violentos.

Com aquellas aguas e com aquelles perfumes banhou o rosto de Margarida.

Deu-lhe a respirar os saes energicos.

Não foi inutil esta medicamentação.

A moça fez um leve movimento.

O Sr. de Vezay redobrou de cuidados.

A condessa entreabriu os olhos, ergueu-se no cotovello, e espraiou em torno de si um olhar desvairado.

Nesse momento sem duvida voltou-lhe o pensamento, com o pensamento a lembrança e com a lembrança a dôr.

Soltou ella um grito fraco, a cabeça cahiu-lhe para traz, os olhos se lhe fecharam novamente, e, pela segunda vez, pareceu que a vida se retirava daquelle corpo momentaneamente galvanisado.

O Sr. de Vezay poz de novo em accão os mesmos meios de que já tinha colhido bom resultado.

Esta perseverança foi coroada de exito igual.

A condessa tornou a si e mudou de posição; — em vez de ficar estendida, encolheu-se na cama; escondeu o rosto nas mãos; pôz-se a soluçar amargamente, ao passo que convulsivo calafrio lhe sacudia os membros e uma especie de estertor fazia-lhe arfar o peito.

De pé junto do leito, com os olhos fitos e secos, mas com o coração torturado, o Sr. de Vezay assistia áquelle terrivel espectaculo, contemplava a quelle assustador desespero.

De repente os soluços de Margarida irromperam.

Ergueu ella o semblante desfeito, fitou no marido seus olhos banhados em lagrimas, e disse ou antes balbuciou :

— Vou morrer...Se o senhor não é um homem desapiedado, mande chamar um padre...

— Morrer!... exclamou o conde com espanto; morrer!... não falle assim, Margarida...a senhora não morrerá...não quero que morra...

A moça meneou a cabeça com ar de sinistra negação.

— Um padre... mande chamar um padre... repetiu com voz debil; e apresse-se... senão... será demasiado tarde...

E deixou-se cahir de novo, como se as forças a houvessem abandonado.

O Sr. de Vezay comprehendeu que devia aceder áquelle pedido, que não era sem duvida senão a suprema vontade de uma moribunda.

Afastou-se da cabeceira do leito e dirigiu-se rapidamente para a porta.

No momento em que ia abrir-a, ouviu bater mansamente.

Abriu, e na ante-camara encontrou Caillouet.

— Ah! estás ahi!... murmurou.

— Estava inquieto, Sr. conde... e vinha receber as suas ordens...

— As minhas ordens... repetiu o Sr. de Vezay em tom desvairado; as minhas ordens...

— Não tem nenhuma que me dar? perguntou o couteiro.

— Tenho... tenho... sim...

— Qual é?...

O conde não respondeu.

Na incrivel desordem de suas idéas,— na tempestade que lhe transtornava a intelligencia, falhava-lhe a memoria.

— Quaes são as suas ordens, Sr. conde? perguntou pela segunda vez Caillouet.

— Ah! murmurou o Sr. de Vezay, lembro-me agora... lembro-me agora...

— Estou ouvindo e esperando...disse o couteiro.

— Um padre! exclamou o conde.

— Um padre!...para quem? perguntou Caillouet estupefacto.

— E um medico...accrescentou o conde, sem responder á pergunta do couteiro.

— Um padre e um medico! então a Sra. condessa está doente?...

— Está, sim...muito doente!...está moribunda... quer um padre...vai depressa...

Tudo isto era dito em tom desvairado.

Uma especie de emoção appareceu no rude semblante do couteiro, cuja physionomia, durante um segnndo, pareceu menos feroz.

— Mas, Sr. conde, disse elle, eu não posso ir chamar o padre e o medico ao mesmo tempo. Como fazer?

— Corre tu á casa do cura, Caillouet... dize-lhe que venha imediatamente...

— E o medico?

— Monte um dos meus criados a cavallo... no meu melhor cavallo...Bayardo...que o mate, se fôr necessario, mas que em uma hora esteja de volta com o medico...em uma hora...estás ouvindo, Caillouet?

— Sim, Sr. conde...

— Se voltar dentro de uma hora...terá uma gratificação de cincuenta luizes...dize isso a todos elles, Caillouet...

— Direi, Sr. conde...

E o couteiro afastou-se para ir desempenhar a sua dupla missão.

O Sr. de Vezay tornou a entrar no quarto de Margarida.

A moça já não soluçava.

Seus olhos estavam fechados.

Poder-se-hia suppol-a morta se, ás vezes, um surdo gemido, que se lhe escapava dos labios, não fôsse a prova manifesta de que a vida não se havia retirado ainda de todo.

O Sr. de Vezay sentou-se junto do leito... e esperou.

.....

Tinha decorrido apenas um quarto de hora, quando pela segunda vez bateram á porta.

O conde levantou-se e foi abrir.

Caillouet estava em pé á entrada.

Via-se atraz delle o cura da aldeia, bello ancião do mais veneravel aspecto, e cujos cabellos prateados emolduravam-lhe o semblante impregnado da bondura e da caridade evangelica.

— Sr. conde, aqui está o Sr. cura, disse o couteiro.

— Ah! Sr. cura! exclamou o conde, seja bem vindo!.. com que impaciencia eu o aguardava!..

— Sr. conde, respondeu o ancião inclinando-se, o que Caillouet acaba de dizer-me causou-me profunda magua, indizivel espanto... O mal é menor do elle me faz suppor, não é verdade? Ha esperança ainda?

— Infelizmente, Sr. cura, não lhe posso responder e estou como que fulminado... Venha, o senhor verá... e por si mesmo julgará...

E o senhor de Vezay conduziu o sacerdote até junto do leito; depois, voltando apressadamente, disse a Caillouet:

— Então?... o medico?...

— Sr. conde, respondeu o couteiro, João partiu...

— Em Bayardo?...

— Em Bayardo.

— Disseste-lhe que matasse o cavallo se fôsse necessário?

— Disse-lhe, Sr. conde.

— E prometteste-lhe os cincuenta luizes?

— Prometti, Sr. conde, João não poupará o animal, e, uma vez chegado, entregará o cavallo ao doutor e voltará a pé.

— Bem!... muito bem! Logo que o medico chegar, tu introduzil-o-has...

— O Sr. conde acha que se deve acordar as criadas da senhora?...

— Não... não!... respondeu o Sr. de Vezay com uma especie de susto; não acordes ninguem... Esperemos até á ultima extremidade para revelar a outros o que se passa esta noite...

Caillouet não insistiu,—ao menos, na apparencia,—mas foi prevenir sem ruido a criada favorita da Sra. de Vezay.

O conde recolheu-se ao aposento de Margarida.

O sacerdote estava ajoelhado ao lado do leito em que descansava a moribunda...

— Minha filha, dissera-lhe elle, a senhora mandou-me chamar... e eu vim, em nome do Deus de paz, de amor e de misericordia...

Margarida ouviu e reconheceu aquella voz.

Fez um esforço para erguer-se, e conseguiu-o, embora com extrema dificuldade.

Estendeu para o sacerdote as mãos postas, e disse:

— Meu padre, ouça a minha confissão...

VIII

PAPEIS ROUBADOS

— Falle, minha filha, respondeu o padre; eu a escuto, e Deus a ouve...

A moça, com voz entrecortada e apenas perceptivel, começou a sua confissão.

Essa confissão foi demorada.

A's vezes, as palavras expiravam, antes de nascerem, nos labios de Margarida.

Outras vezes, soluços convulsivos vinham interromper a confissão começada.

A proporção que a moça fallára, o sacerdote empallidecera.

Quando ella terminou, o semblante do ministro de Deus estava quasi tão alterado, tão livido como o da condessa.

Nada mais lhe restava ouvir.

Fez descer sobre a fronte da penitente as palavras sacramentais de paz e de perdão.

Depois, estando terminada a sua santa missão, murmurou:

— Agora, pobre filha, tenha coragem e esperança... A senhora viverá... viverá para o arrependimento e para a reparação...

Margarida meneou a cabeça.

— Não, meu padre... respondeu ella; não, eu não viverei... sinto perfeitamente que está tudo acabado para mim neste mundo... A mão de Deus pesou sobre a minha cabeça culpada... elle fere-me, e eu o abençõo... Resta-me, porém, um ultimo dever a cumprir... uma ultima e solemne expiação a aceitar... Previna a meu marido, faça o favor... diga-lhe que eu lhe peço que se aproxime...

O sacerdote chorava e não podia responder.

Inclinou unicamente a cabeça para indicar a Margarida que ia ser feito o que ella pedia.

Chegou-se depois para o Sr. de Vezay, que, durante a longa confissão de sua mulher, se deixá cahir em uma cadeira no profundo vânio de uma das janellas.

— Sr. conde, disse-lhe esforçando-se para dominar a sua emoção, a Sra. condessa chama-o para junto do seu leito de agonia... vá... e não esqueça que, quando Deus tem perdoado, a ninguém neste mundo assiste o direito de ser desampiado... E' um ancião, Sr. conde, é um ministro do Senhor que lhe lembra essa grande e sublime verdade... e quem, como sacerdote e como homem, lhe supplica que seja indulgente e misericordioso...

O Sr. de Vezay inclinou-se perante o velho cura e aproximou-se vivamente do leito.

Margarida ergueu-se, pegou-lhe nas mãos, que apertou com convulsiva força, e exclamou:

— Perdão!... perdão!... sofro e morro... Sr. conde, perdoe-me!...

— Perdão-lhe, pobre mulher... perdão-lhe do fundo do coração!... balbuciou o Sr. de Vezay. Mas, em nome do céo, Margarida, acalme-se e viva...

— O senhor me perdoa? perguntou a misera com indizivel espanto.

— Do fundo do coração, repito-lhe...

— E' que o senhor não sabe talvez... Ouça... ouça... eu quero, eu devo dizer-lhe tudo...

O Sr. de Vezay ia interromper Margarida, para impedil-a de começar uma narração inutil e dolorosa para ambos.

Não teve necessidade de o fazer.

Os olhos da moribunda tornaram-se fixos.

Um grito, que parecia sahir-lhe do fundo do peito, escapou-se-lhe dos labios contrahidos.

Seus membros retezaram-se e ella torceu-se na

cama, presa de terríveis convulsões, soltando gemidos inarticulados...

— Que tem?.. Deus do céo, que tem a senhora? balbuciou o conde com angustia.

Margarida não respondeu senão com mais agudos gritos e mais dolorosos lamentos.

Nesse momento ouviu-se o rapido galope de um cavallo, que parou de subito em frente á escada do castello.

Ao cabo de um minuto, Caillouet introduzia o medico.

O Sr. de Vezay correu ao encontro do facultativo e puchou-o para junto do leito.

— Em nome do céo, disse-lhe, que estranha molestia é esta?..

— Um parto prematuro, respondeu o medico, depois de haver examinado Margarida.

Bastante, e talvez demasiado, temos carregado nas catastrophes desta terrível noite.

Cumpre, porém, não abusar das mais lugubres tintas que se possam deparar na palheta do romancista.

Corramos um véo diante de tão sombrios quadros, e digamos simplesmente que, ao cabo de uma hora de torturas, Margarida cessava afinal de padecer e adormecia no eterno sono, ao passo que o medico apresentava ao conde de Vezay uma criança recemnascida, uma meninazinha, cujo primeiro vagido sua mãe expirando não ouvira.

* * *

O castello de Villedieu ficava situado, pouco mais ou menos, a uma legua de distancia do de Vezay.

A habitação não offerecia as imponentes proporções do solar onde se passaram, até aqui, os acontecimentos desta historia.

Era um castelozinho gothico, a que haviam juntado construções mais recentes, e que se erguia á margem do Loire, no centro de uma frondosa mata.

O visconde Armando de Villedieu habitava alli o anno inteiro.

Tinha sido casado com uma mulher por quem jamais sentira outra cousa além da mais fria amizade, sem o menor laivo de amor.

Após dous annos de união tranquilla, mas sem felicidade, a viscondessa morrera, deixando a seu marido um filho de alguns mezes de idade.

Havia seis annos que isto acontecera.

O menino se chamava Luciano.

O Sr. de Villedieu havia concentrado todas as effeções naquelle filho, até o dia em que violenta paixão pela condessa de Vezay se lhe apoderára do coração.

Esse amor — por muito tempo sem esperança, e afinal compartilhado por Margarida, — tinha produzido fructos envenenados.

Acabamos de assistir ao sinistro desenlace do drama do adulterio.

Vamos agora rondar, como um ladrão nocturno, em torno do castello de Villedieu, uma hora pouco mais ou menos depois da morte da condessa Margarida.

A tormenta havia acalmado completamente, mas a noite conservava-se ainda escura.

Apenas do lado do oriente uma cinta pallida, riscando o céo sombrio, anunciava que a aurora não tardaria a enxotar as trevas.

No interior do castello, tudo jazia em silencio.

Luciano e seu preceptor dormiam em profunda calma em dous quartos contignos um do outro.

Os criados, que o ruido da tempestade conservára acordados durante a maior parte da noite, repousavam em seus dormitorios.

Só os cavallos, — assustados pela prolongada ausencia de dous companheiros seus, escaravam o chão e relinchavam nas cavallariças.

Nesse momento um vulto humano saiu da matia e dirigiu-se para o castello.

Esse vulto avançava com precaução.

Evidentemente, o nocturno passeante tinha os mais graves motivos para conservar-se despercebido.

Pelo que acabamos de dizer do profundo sonno de todos os habitantes do castello, o receio de um encontro era infundado.

O recem-chegado, — que não era, terão adivinhado, senão o couteiro Caillouet, — chegou, com infinitas cautellas, até junto de um dos elegantes torreões que ladeavam o antigo castello.

Nesse torreão havia uma portinha que Caillouet parecia conhecer perfeitamente, — do que não nos devemos admirar, pois os Srs. de Vezay e de Villedieu, caçando ordinariamente juntos, marcavam encontro ora em um, ora em outro castello, e os famulos do conde viviam estreitamente ligados com os do visconde, aos quaes visitavam com frequencia.

Isto posto, achar-se-ha muito simples que Caillouet estivesse tão ao facto dos cantos e recantos do solar de Villedieu.

(Continua no proximo numero.)

EXPEDIENTE

Temos recebido uma ou outra reclamação por havermos encetado a publicação de um romance antes de concluído outro, o que, no entender dos reclamantes, dificulta a encadernação.

Os jornaes franceses e ingleses deste genero, cujo sistema seguimos, não publicam um romance antes de concluir outro, publicam tres e quatro ao mesmo tempo. (Vejam-se *Le Conte*; *La Semaine*, *Bons Romans*, *Journal pour Tous*, *Family Herald*, *London Journal*, *Family Reader*, e tantos outros.)

A encadernação de taes jornaes não se faz a cada romance que se publica, e sim por trimestres ou semestres, como a de outros quaesquer jornaes, onde tambem os romances que publicam ficam partidos, e divididos ás vezes em mais de um volume.

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelles que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que querem continuar a receber o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.